

Tempo e Aspecto em Caboverdiano: uma estratégia composicional / Tense and Aspect in Capeverdean: a compositional strategy

Fernanda Pratas

ABSTRACT: *In Capeverdean (Portuguese-based Creole language, here taken in the variety of Santiago Island), the bare form of eventive verbs has a past interpretation (1) whereas the bare form of some stative verbs has a present reading (2):*

(1) <i>N badja.</i>	(2) <i>N sabe.</i>
<i>1SG dance</i>	<i>1SG know</i>
<i>'I danced.'</i>	<i>'I know.'</i>

In order to mark different tenses, aspectual and modal values, the language uses a complex strategy of combinations and dependencies that involves some functional morphemes (the more common are sata and ta, preverbal, and -ba, that appears as affix; there are also the less common dja and al, preverbal, and -du and -da, postverbal – these last two mark passive constructions). This compositional strategy also involves materials in other areas of the sentence, such as temporal locatives, embedded sentences, etc. Crucially, when a verb considered as stative presents an “eventive” interpretation (as in (3), where the reading is “get to know”), the combinatory restrictions between the verb and the morphemes are the same as we see with eventive verbs.

(3) *Simana pasadu, N sabe ma bebe di Lurdes dja nace.*
week last, 1SG know COMP baby PREP Lurdes TAM be.born
'Last week I knew that Lurdes' baby was born.'

Facts as the one observed in (3) have motivated some incorrect descriptions of the language and, on the other hand, may contribute for a better understanding of which property of stative verbs must be more precisely defined.

In this communication, I hope to have shown the relevant data of Capeverdean with respect to this empirical puzzle. The analysis of these different sentences and contexts supports the proposal that only a compositional approach can account for the possible construction of different temporal interpretations.

1. Introdução

Em Caboverdiano (doravante CV, língua crioula de base lexical portuguesa, aqui abordada na variante da ilha de Santiago), a forma nua dos verbos eventivos tem uma interpretação de passado simples (1) enquanto a forma nua de alguns verbos estativos parece ter uma interpretação de presente (2)

(1) N badja.

1SG dançar

‘Eu dancei’

(2) N sabe.

1SG saber

‘Eu sei’

Crucialmente, quando um verbo considerado estativo apresenta uma interpretação “eventiva” (como em (3), em que saber tem a leitura de “ficar a saber”), as restrições combinatórias entre o verbo e os morfemas funcionais passam a ser as mesmas que se aplicam aos eventivos e, como veremos, a outros estativos.

(3) Simana pasadu, N sabe ma bebe di Lurdes dja nase.

semana passada, 1SG saber COMP bebé PREP Lurdes TAM nascer

‘Na semana passada eu soube que o bebé da Lurdes (já) nasceu.’

Factos como os ilustrados em (3) têm dado origem a algumas imprecisões descritivas da língua e, por outro lado, podem vir a contribuir para uma melhor definição do papel da estatividade no que respeita às leituras temporais disponíveis.

Nesse texto proponho-me fazer uma descrição de dados relevantes do CV de modo a ilustrar estas possibilidades combinatórias. A partir da análise das diferentes frases e contextos será possível mostrar que só uma abordagem composicional pode dar conta desta estratégia de construção dos diferentes valores temporais.

2. Características gramaticais relevantes

Para marcar diferentes tempos, valores aspectuais e modos, esta língua (aqui abordada na variante de Santiago) recorre a uma complexa estratégia de combinações e dependências que envolve alguns morfemas funcionais (os mais comuns são *sata* e *ta*, que ocorrem em posição pré-verbal, e *-ba*, que surge como sufixo do verbo, mas existem ainda os pré-verbais *dja* e *al*, e os afixos pós-verbais *-du* e *-da*), e ainda outros materiais noutras áreas mais periféricas da frase, como locativos temporais, orações encaixadas, etc.

Para a presente proposta, são relevantes as seguintes propriedades (Pratas 2007):

A. Ausência de morfologia verbal de pessoa e número em qualquer tempo (4).

(4) Passado simples para um verbo eventivo:

N badja ‘Eu dancei’

Bu badja ‘Tu dançaste’

E badja ‘Ele/Ela dançou’

Nu badja ‘Nós dançamos’

Nhos badja ‘Vocês dançaram’

Es badja ‘Eles dançaram’

B. Proibição de sujeitos referenciais nulos em orações matriz (5).

(5) a. * Sta duenti.

estar doente

b. * Ta bai mar.

TMA ir mar (praia)

C. Ausência de sujeitos expletivos (6) – o que não põe em causa o seu estatuto não *pro-drop* (Costa & Pratas, 2007).

(6) a. Ten tres katxor na nha rua.

[existencial]

ter três cães na minha rua

‘Há três cães na minha rua.’

b. Sata txobe dja.

[verbos meteorológicos]

TMA chover ADV

‘Já está a chover.’

D. Complexa estratégia composicional para marcar Tempo/Modo/Aspecto.

A construção da referência temporal em CV assenta num conjunto muito restrito de morfemas funcionais. Basicamente *sata* e *ta*, ambos pré-verbais; *-ba*, pós-verbal. Considerando que a “forma nua” dos verbos eventivos tem uma leitura de passado (perfectivo), é proposto que o verbo é aqui marcado por um morfema zero – \emptyset .

A distribuição destes morfemas pode ser sumariamente descrita da seguinte forma (embora outras distinções se revelem quando tentamos uma análise mais detalhada dos dados e das possíveis contribuições semânticas de cada um deles, o que no entanto não é relevante para a presente discussão). Eles podem surgir cada um por si ((7)-(12)), combinar-se entre si ((13) e (15)) ou ainda combinar-se com outros elementos na frase (como em (9)). Note-se que a sua contribuição para a interpretação temporal parece variar de acordo com eventividade vs.

estatividade do verbo (como é o caso do efeito do morfema zero em (7)). A ilustração das possíveis combinações de *sata*, marcador de progressivo, com

verbos estativos como *sabe* ‘saber’ virá mais à frente neste trabalho, uma vez que exige uma explicação mais demorada.

(7) N \emptyset -kanta. vs. N \emptyset -sabe.
1SG \emptyset .cantar 1SG \emptyset .saber
‘Eu cantei.’ [passado] vs. ‘Eu sei.’ [“fiquei a saber” presente]

(8) N *sata kanta*.
1SG TMA cantar
‘Eu estou a cantar [agora].’

(9) N *ta kanta* (tudu dia). / N *ta kanta* (manha / na bo festa).
1SG TMA cantar (sempre/habit.) / 1SG TMA cantar (amanhã / na tua festa)
‘Eu canto.’ (presente) / ‘Eu canto.’ [futuro]

(10) N *kantaba*.
1SG cantar.TMA
‘Eu tinha cantado.’ / * ‘Eu cantava.’

(11) N *ta sabe*.
1SG TMA saber
‘I vou saber.’ (futuro) / * ‘Eu sei.’ (cf. (9))

(12) N *sabeba*.
1SG saber.TMA
‘Eu sabia.’ (cf. (10))

(13) N *sata kantaba*.
1SG TMA cantar.TMA
‘Eu estava a cantar.’

(14) N *ta kantaba*. vs. N *ta sabeba*.

1SG TMA cantar.TMA vs 1SG TMA saber.TMA
 ‘Eu cantaria.’/‘Eu cantava.’ vs ‘Eu saberia.’/ * ‘Eu sabia.’

D. Ausência de morfologia verbal
 de finitude (15):

(15) a. N kre papia ku bo. [controlo]
 1SG querer falar com 2SG
 ‘Quero falar contigo.’
 b. N pode papia ku bo. [modal]
 1SG poder falar com 2SG
 ‘Posso falar contigo.’

3. Distinção estativos vs não estativos:

motivação e questões

Segundo algumas propostas anteriores (Baptista 2002, Pratas 2007), verbos estativos e dinâmicos exibem, em CV, diferentes interpretações e estratégias de marcação de TMA, o que parece ser suportado por (16)-(18):

(16) a. N sabe resposta.
 ‘Eu sei a resposta.’ [presente]
 b. N kume katxupa.
 ‘Eu comi / * como cachupa.’
 [passado]

(17) a. N sabe^{ba} resposta
 ‘Eu sabia a resposta.’
 b. N kume^{ba} katxupa
 ‘Eu tinha comido / *comi cachupa.’

(18) a. N ta sabe resposta.
 ‘Eu sei_{fut} / *sei a resposta.’
 b. N ta kume katxupa.
 ‘Eu vou comer / como_{hab} cachupa.’

No entanto, a maioria dos verbos estativos comportam-se, quanto à morfologia e à correspondente interpretação temporal, como dinâmicos (19)-(20):

(19) N ta kridita na Dios.
 ‘Eu acredito em Deus.’ (agora, sempre, todos os dias...)

(20) N pensa txeu na bo.
 ‘Eu pensei/ *penso muito em ti.’

Na verdade, os que se comportam de forma idiossincrática são os seguintes:

- (21) *sabe* ‘saber’
konxe ‘conhecer’
kre ‘querer’
atxa ‘achar’
gosta ‘gostar’
parse ‘parecer’
ten ‘ter’
tene ‘ter’ (momentâneo)
sta ‘estar’
e ‘ser’
pode ‘poder’
debe ‘dever’

Ou seja, considerando que a maioria dos estativos se comporta, a este respeito, como os eventivos, a generalização estativo vs. não estativo quanto a marcação de TMA não está empiricamente correcta. Para obter qualquer outra generalização que seja válida é necessário analisar os dados destes verbos em diferentes contextos.

4. Novos contextos

Quando analisamos em maior detalhe o grupo em (21), verificamos que apenas *sabe* ‘saber’ e *konxe* ‘conhecer’ são verbos lexicais; os restantes têm sobretudo um valor modal

e/ou o estatuto de auxiliares. O seu comportamento idiossincrático quanto à marcação de TMA e correspondente leitura temporal não é, assim, surpreendente, mesmo sem qualquer recurso à estatividade.

Quanto a *sabe* ‘saber’ e *konxe* ‘conhecer’, que seriam então os únicos dois únicos aparentemente problemáticos, veja-se os exemplos seguintes. Aqui se mostra que estes verbos podem ter também (tal como todos os eventivos e ainda os outros estativos, como *pensa* ‘pensar’, *kridita* ‘acreditar’, etc.), desde que inseridos no devido contexto, leituras temporais tradicionalmente consideradas inaceitáveis com estes estativos.

sabe ‘saber’

- (22) N sabe ma bo e bunitu y N al sabe sempri. [futuro, continuidade]
‘Eu sei que és bonito e hei-de saber sempre.’

- (23) Si bu fla-m kasi, ami-N ta sabe. [futuro, eventivo - inesperado]
‘Se me disseres mentiras, eu vou saber.’

- (24) Onti N sabe ma bebe di Lurdes dja nase. [passado perfectivo - inesperado]

‘Ontem soube que o bebé da Lurdes já nasceu.’

(25) Gosi ki N sata sabe ma bu txiga. [progressivo - inesperado]

‘Agora é que estou a saber que tu chegaste.’

konxe ‘conhecer’

(26) N konxe nha maridu dretu y N al konxe-l sempri. [futuro, continuidade]

‘Eu conheço o meu marido bem e hei-de conhecê-lo sempre.’

(27) Dia dumingu ki ta ben, N ta konxe bo amigu. [futuro, eventivo - inesperado]

‘Domingo que vem, conheço/vou conhecer o teu amigo.’

(28) Onti N konxe bo maridu na festa. [passado perfectivo – inesperado]

‘Ontem conheci o teu marido na festa.’

(29) N sata gosta di kursu pamodi N sata konxe txeu algen.[progressivo – inesperado]

‘Estou a gostar do curso porque estou a conhecer muita gente.’

Uma vez mais se mostra que, para dar conta das diferentes interpretações temporais disponíveis para estes verbos, não basta considerar uma propriedade lexical que lhes é inerente, tal como a estatividade. Dentro do grupo dos estativos, é necessário considerar os diversos comportamentos verbais e, acima de tudo, relacioná-los com o contexto discursivo para que determinadas combinações e leituras se tornem acessíveis. Ou seja, é indispensável uma abordagem composicional.

5. Composicionalidade

A semântica composicional depende de termos, antes de mais, uma boa sintaxe como ponto de partida, seguindo a proposta “em vigor” desde Montague: a sintaxe deve ser descrita autonomamente; ao mesmo tempo que determina a gramaticalidade, deve garantir os fundamentos para a composicionalidade semântica (Partee 2004).

Assim, para os verbos do CV em análise temos as seguintes operações (segundo uma proposta das projecções temporais em Demirdache & Uribe-Extebarria 2000):

- ❖ numa projecção temporal – T1 – *sata* ou □ são inseridos, obtendo (30) ou (31):

(30) a. N *sata* kume katxupa.

b. N *sata* konxe txeu algen na kurso. – tempo do evento inclui R

(31) a. N □ kume katxupa.

b. N □ sabe ma bebe di Lurdes dja nase. – tempo do evento precede R

Note-se que esta proposta difere da apresentada em Borik & Pratas 2008, uma vez que aí se considerava que também os verbos *sabe* ‘saber’ e *konxe* ‘conhecer’ eram incompatíveis com esta projecção.

- ❖ numa outra projecção temporal – T2 – o morfema *-ba* pode ser, ou não ser, inserido;

– Quando não é, o predicado que recebe como input (ou que é o seu complemento) obtém um valor relativo ao presente (R = S).

– Quando é, o predicado que recebe como input (ou que é o seu complemento) obtém um valor de passado (R < S).

São os seguintes os inputs possíveis para T2:

A. - predicado gerado em T1	
- quando <i>-ba</i> não é inserido (R = S)	
(32) a. N [sata kume] katxupa.	/ N [sata konxe] txeu algen. (E inclui R)
‘Eu estou a comer cachupa.’	/ ‘Eu estou a conhecer muitas pessoas.’
b. N [□ kume] katxupa.	/ N [□ konxe] txeu algen. (E precede R)
‘Eu comi cachupa.’	/ ‘Eu conheci muitas pessoas.’
- quando <i>-ba</i> é inserido (R < S)	
(33) a. N [sata kume]-ba katxupa.	(E inclui R)
Eu [PROG comer]-Pass cachupa	‘Eu estava a comer cachupa.’
b. N [□ kume]-ba katxupa.	(E precede R)
Eu [Perf comer]-Pass cachupa	‘Eu tinha comido cachupa.’

B. - predicado inserido directamente (os restantes do grupo de <i>sabe</i> e <i>konxe</i> , que nunca surgem em contextos de passado perfectivo ou progressivo).
- quando <i>-ba</i> não é inserido (R = S) (34) <i>N [pode] bai ku bo.</i> ‘Eu posso ir contigo.’
- quando <i>-ba</i> é inserido (R < S) (35) <i>N [pode]-ba bai ku bo.</i> ‘Eu podia ir contigo.’

Por fim, quanto à diferente interpretação de *sabe* e *konxe* em combinação com o morfema zero, em contextos em que outros dados (adverbiais, orações encaixadas, etc.) não atribuem claramente uma leitura de passado perfectivo, a proposta em Pratas 2008 segue uma abordagem, também composicional, que entra em linha de conta com a estrutura interna destes predicados.

Ou seja, um subevento *Become* está aqui envolvido, fazendo com que, por exemplo, *N sabe resposta*, isoladamente, proporcione a interpretação intuitiva ‘Eu sei a resposta’ (presente) que é construída a partir do subevento envolvido – ‘Eu fiquei a saber’. Este subevento, na verdade, tem também uma leitura de passado nesta forma de combinação com o morfema zero, tal como os restantes verbos estativos e ainda todos

os eventivos. A nossa leitura intuitiva de presente refere-se, de facto, a um “estado consequente” (Moens & Steedman 1988).

6. Conclusão

A partir desta descrição do CV, bem como da relação de alguns verbos em particular com os diversos marcadores de TMA e a correspondente interpretação temporal, espero ter mostrado que este sistema só pode devidamente descrito se considerarmos uma perspectiva composicional.

Note-se que as operações acima descritas se aplicam a todos os verbos lexicais do CV, e não apenas aos eventivos.

Investigações estão em curso de modo a poder descrever com mais detalhe esta dinâmica e também as aparentes interpretações idiossincráticas de *sabe* e *konxe*.

Referências bibliográficas

- BAPTISTA, Marlyse. 2002. *The Syntax of Cape Verdean Creole, the Sotavento varieties*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins
- BORIK, Olga & Fernanda PRATAS. 2008. Stativity and Temporal Interpretation in CVC. Paper presented at Formal Approaches to Creoles Studies (FACS) workshop, Tromsø, November
- COSTA, João & Fernanda PRATAS. 2007. To allow *pro* does not mean being pro-drop: evidence from Capeverdean. XXIII Encontro da APL, Universidade de Évora, Outubro
- DEMIRDACHE, Hamida & Miryam URIBE-EXTEBARRIA. 2000. The Primitives of Temporal Relations. In R. Martin, David Michaels, & J. Uriagereka (eds.), *Step by Step. Essays on Minimalist Syntax in Honour of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press, pp. 157-186
- MOENS, Marc & Mark STEEDMAN. 1988. "Temporal ontology and temporal reference". *Computational Linguistics*. 14: pp. 15–28
- PARTEE, Barbara H. 2004. *Compositionality in Formal Semantics: selected papers by Barbara H. Partee*. Oxford: Blackwell Publishing
- PRATAS, Fernanda. 2007. *Tense features and argument structure in Capeverdean predicates*. Doctoral dissertation, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa
- PRATAS, Fernanda. 2008. Temporal interpretation in Portuguese based Capeverdean Creole. Paper submitted to proceedings of Going Romance 2008, CLCG, University of Groningen Workshop on Tense and Aspect, December 13